

plitude do projeto poético do autor. Ele vai mais longe na escalada lírica e tece - ainda segundo Carlos d'Alge - "um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humana". Tanto quanto a música, como queria Shakespeare, Roberto Pontes quer também a poesia como alimento do amor. E esse alimento ele o distribui sem apelar para a linguagem hiperbólica tão cara aos amantes. Curiosamente até, em certos passos de *Memória Corporal* o amor se nutre de poesia numa atmosfera de forte realismo imagístico, como no poema "Faltando leite, faltando pão". Daí não ser "excessivo afirmar - com Lúcia Helena no prefácio-ensaio intitulado *Sutil tecido de sal e concha* - que a personagem central deste texto *desejante* é Eros, captado em todos os seus poros e latências".

Roberto Pontes iniciou-se na literatura nos anos 60 através do Grupo SIN (de sincretismo) e teve seu primeiro livro de poesia, *Contracanto*, publicado em Fortaleza pela Edições SIN, em 1968. O Grupo SIN, fundado por ele, Pedro Lyra, Horácio Didimo, Linhares Filho e Rogério Bessa, desfez-se em 1969, porém marcou sua efêmera presença com a publicação de uma *Sinantologia*, reunindo aqueles poetas e alguns outros que haviam aderido ao movimento, cuja meta era a renovação das letras cearenses.

Em 1970 Roberto Pontes teve editado pela Imprensa Universitária do Ceará o volume *Lições de Espaço - Teletipos, Módulo e Quânticas*, um poema longo que naquele ano conquistou o Prêmio Universidade Federal do Ceará. Ainda em 1970 o poeta publica o ensaio *Vanguarda-Brasileira: Introdução e Tese*, com que obtém o Prêmio Esso-Jornal de Letras, e no ano seguinte ganha em Brasília o Prêmio Fundação Nacional dos Garimpeiros com o poema *Garimpo*.

A VERDADE DO CORPO

CARLOS d'ALGE

Os quarenta e cinco poemas que compõem esta *Memória Corporal*, de Roberto Pontes, foram elaborados ao longo do tempo e da experiência do poeta que, já em seu livro anterior, *Lições de Espaço*, nos dava uma medida do seu pensar e fazer poéticos.

Memória Corporal é uma reflexão amadurecida e vivenciada sobre o amor. A descoberta do corpo e a sua linguagem específica são o *leit-motiv* do texto poético.

A memória percorre os vários caminhos do corpo amado, do conhecimento e das primeiras descobertas, numa travessia que se quer calma, lenta e integral. Até o dar-se em plenitude há muito a percorrer. Cada sinal sugere um novo símbolo, cada toque um ato de recriação, à espera da libertação final.

Todavia não é somente o corpo e o ato do amor que constituem o cerne dos poemas. A libertação se faz pelo amor e pela participação num universo isento

de medo, guerra e ódio. Um universo enamorado, como a ilha de Vênus, criada pela generosidade de Camões e ofertada aos rudes navegadores cansados de tanta desventura. Assim o prazer, a posse em contato com a natureza, traduzem uma visão humanista, comparada à saída do "Purgatório", na *Divina Comédia* de Dante, e ao ingresso no "Paraíso".

É preciso lembrar, pois, que o amor e o prazer são um compromisso do homem para com o seu semelhante. Impedi-lo é desumano. O homem só poderá se libertar pelo amor e com o amor: "Amamos,/animais enternecidos
(...) /amamos e perdemos./O meu primeiro verso foi: / amamos".

Na sua intensa e apaixonada travessia, o poeta coloca o verso implicitamente no presente, a fazer coro com Carlos Drummond de Andrade, que em "Amar-Amaro" já nos dissera: "que pode uma criatura senão / entre criaturas, amar?"

Que libertação senão pelo amor? Que única verdade senão o corpo, total e absoluto, pleno e tátil? A nudez é um símbolo de liberdade. Valho-me de Harold Clurman que em artigo no *Harper's* afirma: "numa época em que todos os valores antigos se tornam vazios, e tudo que era sagrado deixou de ser respeitado, o corpo é a única verdade irreversível. Não há segredos vergonhosos na nudez - Ela é um símbolo de liberdade".

E em face disso que em *Memória Corporal*, no poema "Bebei na Boca Indócil", Roberto Pontes vê que "Cai um mau sereno sobre o mundo" e conclama as virgens: "Colai em vossas faces versos puros. / Roçai o vosso peito sobre rosas. / Fundi os vossos ventres nas estrelas" para reconhecer a existência de cadeados de aço que, como prisões e bombas, impedem a sua libertação, pois "Amar sem medo é defender a paz. / Amar sem medo é inventar a vida. / rasgando o corpo/no sexo do amigo".

Na descoberta do corpo sob entrega plena e total, a libertação se processa lentamente. "A cintura tão macia / e a pálpebra fibrosa / que senti romper-se um lírio novo"

A tristeza, habitante do homem, na solidão, desaparece com a descoberta do corpo amado, o poeta é o "imprevisto vestido de ternura", e hábil viajante vai percorrendo os caminhos da amada, e através das mais sensíveis comparações e metáforas constrói o seu universo de amor: "no negro asfalto do ventre / um girasol de amianto / se contorcendo na noite" (...) ou "Sonho como fui nos teus poros de tapete, / nos braços sensuais, nas ancas cor de mate, / no ventre cheio de surpresa e medo".

O paraíso na descoberta e posse? A utopia da felicidade num mundo de amor e paz, de flores e sorrisos? *Memória Corporal* é um canto de esperança, em que o poeta através da posse do corpo, como verdade total e absoluta, constrói também a sua verdade, despojada e magnânima.

A verdade do corpo, cantada por Camões no encontro de Vênus com Júpiter, no "Concílio dos Deuses" e na sua ilha namorada, realizada pelos artistas da Renascença, recriadores da beleza do mundo helênico, tem continuidade através da história literária.

Mal interpretada em diversos momentos, nivelada ao patológico pelos naturalistas, foi restaurada pela literatura moderna - lembremo-nos de D.H. Lawrence, Henry Miller, Joyce, e por que não das *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Berreno?

Assim, *Memória Corporal* dá seguimento a essa verdade. São dos poemas mais belos e puros que tenho lido sobre o sentimento do amor, repito, única verdade, irrecusável, irresistível e irreversível.

Um canto geral de integração e de ternura, de paz e realização humanas.

SUTIL TECIDO DE SAL E CONCHA

LÚCIA HELENA

Acabo de ler o livro de Roberto Pontes, e a associação que de pronto me ocorre remete-me ao conceito que a Psicanálise tem formulado sobre o texto literário: "escrever é evitar o assassinato do desejo". E se o homem é este ser desejan-te, espécie de Prometeu acorrentado, de Sísifo que continuamente se debate com a "pedra" da linguagem, meio de que dispõe tanto para o encontro como para a perda de si e do outro, esta associação me ocorre em relação ao texto de Roberto porque ele, de modo explícito, se realiza em consonância com a perspectiva estético-histórica, o amor cortês, no qual o lirismo é tematizado como manifestação do desejo nas suas múltiplas formas: seja na do desejo de escrever sobre o desejo, seja no de viver o desejo como escrita que o perpetua e resgata. Aliás, estas duas perspectivas se interrelacionam e alternam ao longo do livro, num marcante traço erótico. E não seria excessivo afirmar que a personagem central deste texto "desejante" é Eros, captado em todos os seus poros e latências.

Cada poema de *Memória Corporal*, livro em que até no título se tematiza a palavra se fazendo carne, reafirma incessantemente o ato de amor, através de expressivas e reiteradas metáforas, nas quais a poesia e o ato de escrever se confundem com o ato de fazer amor, num gesto múltiplo de que participam: a natureza, o amante e o objeto amado.

Surpreende-nos a riqueza e simbiose de elementos que a natureza captada pelo poeta congrega, principalmente marinhos: "Nessas águas de sal marinho / há cogumelos, enguias, hipocampos / nenúfares, ventosas e anêmonas" ("Hã Solstício Tropical"). A natureza ora se manifesta participante, à maneira das canções de amigo, em que as personagens e o amor aderem ao cenário, chegando a ganhar suas espécies o nome da paisagem em que decorre tanto a espera quanto o encontro ou a realização do amor. Ora se torna confidente, à maneira dos românticos, em que a ambiência tende ao lunar, ao silêncio, ao melancólico; ora, ainda, se mostra contundente, ao remeter, de modo inesperado, a correlações semânticas que instalam uma carga corrosiva, através das quais marca-se uma rup-